

Compilação Linguística

Ivan Vale de Sousa

(Organizador)





COMPILAÇÃO LINGUÍSTICA

Ivan Vale de Sousa
(Organizador)

Editora Chefe
Prof^a Dr^a Antonella Carvalho de Oliveira

Conselho Editorial
Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho
Universidade de Brasília

Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior
Universidade Federal de Alfenas

Prof. Dr. Álvaro Augusto de Borba Barreto
Universidade Federal de Pelotas

Prof^a Dr^a Deusilene Souza Vieira Dall'Acqua
Universidade Federal de Rondônia

Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson
Universidade Tecnológica Federal do Paraná

Prof. Dr. Constantino Ribeiro de Oliveira Junior
Universidade Estadual de Ponta Grossa

Prof^a Dr^a Lina Maria Gonçalves
Universidade Federal do Tocantins

Prof. Dr. Takeshy Tachizawa
Faculdade de Campo Limpo Paulista

Prof^a Dr^a Ivone Goulart Lopes
Istituto Internazionale delle Figlie de Maria Ausiliatrice

Prof. Dr. Carlos Javier Mosquera Suárez
Universidad Distrital Francisco José de Caldas/Bogotá-Colombia

Prof. Dr. Gilmei Francisco Fleck
Universidade Estadual do Oeste do Paraná

2016 by Ivan Vale de Sousa

© Direitos de Publicação
ATENA EDITORA
Avenida Marechal Floriano Peixoto, 8430
Cep: 81.650-010 - Curitiba, PR
[contato@atenaeditora.com.br](mailto: contato@atenaeditora.com.br)
www.atenaeditora.com.br

Revisão
Os autores

Edição de Arte
Geraldo Alves

Ilustração de Capa
Geraldo Alves

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)

C737

Compilação linguística [recurso eletrônico] / Organizador Ivan Vale de Sousa. – Curitiba (PR): Atena, 2016.
217 p.

ISBN: 978-85-93243-08-0
DOI: 10.22533/93243-08-0
Inclui bibliografia.

1. Filologia. 2. Língua portuguesa. 3. Linguística. I. Sousa, Ivan Vale de. II. Título.

CDD-410

Agência Brasileira do ISBN

ISBN 978-85-93243-09-7



A standard 1D barcode representing the ISBN 978-85-93243-09-7. The barcode is composed of vertical black lines of varying widths on a white background.

9 788593 243097

APRESENTAÇÃO

As reflexões apresentadas nos trabalhos que compõem este livro são frutos de estudos, pesquisas, proposições e análises nas quais os autores transitam entre o campo das propostas educacionais aos apontamentos referentes à linguística aplicada, expondo aos leitores os atalhos percorridos no acesso dos aspectos estruturais e de sentido da língua, de construção do discurso oral e escrito, bem como de ações metodológicas de enriquecimento das ferramentas pedagógicas de sala de aula, capazes de corroborarem com a ampliação dos propósitos sociocomunicativos destinados à compreensão da fala e dos diferentes contextos nos quais a linguagem se insere.

Os textos organizados se categorizam sob a égide da dinamicidade e variedade que o ensino de nosso idioma possibilita acessar. O acesso às reflexões traz características singulares na forma de coordenação dos autores que se debruçam na compreensão do fazer pedagógico e da essência de pesquisador em que os sujeitos inteventores interajam com os interlocutores mediante a efetivação dos conhecimentos elucidados no processo de entendimento dos aspectos alusivos ao processo comunicativo e constituinte língua como objeto social de interação.

As investigações narradas em todos os trabalhos nos lançam para o interior de um mosaico repleto de questionamentos, mas, ao mesmo tempo, de respostas que nos direcionam no caminho de notáveis compreensões vislumbradas no terreno fértil da educação como mecanismo dinâmico e inovador, compartilhando os ideais enaltecidos pelos pesquisadores, que por meio de uma proposta acessível dos indicadores comunicativos, trazem para a apreciação a autonomia representada nas intervenções contextuais perpassadas na ação educacional, social e linguística.

Este livro tem o propósito de alastrar pesquisas voltadas, de modo geral, para os estudos inseridos no âmbito da linguagem, propor e ampliar as reflexões teórico-práticas dos temas abordados nos textos que tornam estimulante e acalorado o debate em benefício do fazer metodológico, visto que as boas ideias precisam ser divulgadas para que outros estudiosos tenham acesso aos conhecimentos produzidos nos contextos formais e não formais, pois, ao mesmo tempo, em que se lançam aos debates das questões provenientes da área educacional, cria-se, também, a possibilidade de abertura de novos espaços em que as proposições referentes ao ensino nas modalidades linguístico-funcionais se propaguem noutras formas de compreensão sociocomunicativa.

É, nessa perspectiva, que o presente livro se organiza mediante a compilação de textos e ideias produzidos por diferentes pesquisadores inseridos nas instituições de ensino diversas, ora discutindo conceito-chaves temáticos, ora discorrendo propostas de ensino em torno da linguagem. Mais que um passeio pelas reflexões destacadas pelos autores, o livro é um convite ao debate e à reflexão dos temas destacados, de modo a incentivar que outras

pesquisas se efetivem no ensino, cujo foco é o encontro dos questionamentos impulsionados na busca por respostas originárias de realidades distintas.

Os autores reunidos produzem um processo de entrelaçamento percorrido concomitante à compreensão das ações de ensinar e aprender a língua, sobretudo, Língua Portuguesa. Nesse sentido, os pressupostos organizados transitam entre a orientação transdisciplinar do campo aplicado ao ensino de Língua Materna às ponderações autorais que se coadunam na realização do pressuposto epistemológico, ou seja, estudam, descrevem, pesquisam e divulgam por meio de seminários e congressos as problemáticas adotadas como objetos de investigação.

Os textos apresentados se fundamentam no compromisso profissional dos autores e cumprem função decisiva na apropriação do uso diferenciado da linguagem, a partir de distintas tendências e abordagens, que se exibem como fio norteador na realização de propostas e análises, já que os resultados estabelecidos são subsídios para o aperfeiçoamento metodológico dialogal com o objeto principal que é o uso flexível da língua e suas variantes.

Que a leitura dos textos apresentados atinja a finalidade e divulgue a essência crítico-reflexiva dos pesquisadores e, além disso, contribua com o ensino de Língua Materna. De tal modo, há um agradecimento especial aos autores que aceitaram o desafio de organização deste livro a partir da diversidade reflexiva das pesquisas que caracterizam a realização deste trabalho para que outros interlocutores tenham acesso aos itinerários metodológicos percorridos, há, ainda, a oferta de ferramentas teóricas e sugestões práticas que direcionam a compreender o gerenciamento reflexivo enfatizado nos propósitos textuais contemplados em cada capítulo.

Assim, em síntese, este livro traz a importância necessária de divulgação das pesquisas que se realizam no campo educacional e linguístico-funcional, visto que os textos refletem os posicionamentos assumidos por seus agentes produtores que se colocaram, gentilmente, em tornar conhecível as intervenções no ensino e compreensão da Língua Portuguesa. E que as ponderações destacadas em cada trabalho sejam capazes de fomentar, fortalecer e ampliar os usos de aquisição dos aspectos referentes à Língua Materna e suas variantes! Com estima e respeito.

Prof. Ms. Ivan Vale de Sousa
Organizador

SUMÁRIO

Capítulo I

- ANÁLISE DE ENUNCIADOS DOCENTES SOBRE GÊNERO E SEXUALIDADE: UM ESTUDO CRÍTICO DO DISCURSO
Márcio Evaristo Beltrão e Solange Maria de Barros.....08

Capítulo II

- DISCURSO, CULTURA E PODER: INTERFACES ESTABELECIDAS NA PRODUÇÃO DOS LADRÕES DE MARABAIXO
Helen Costa Coelho, Efigenia das Neves Barbosa Rodrigues, Fábio Xavier da Silva Araújo e Daniel de Nazaré de Souza Madureira.....20

Capítulo III

- PROCESSOS FONOLÓGICOS NA APRENDIZAGEM DA LIBRAS COMO SEGUNDA LÍNGUA PELO ADULTO OUVINTE
Luiz Antonio Zancanaro Junior.....37

Capítulo IV

- CAPACITAÇÃO DE INSTRUTORES SURDOS: DESDOBRAMENTOS DE UMA PREPARAÇÃO PARA A DOCÊNCIA
Rosalva Dias da Silva.....53

Capítulo V

- ECOS DISCURSIVOS: O IMAGINÁRIO SOCIAL DE UM ÍNDIO INCAPAZ
Alexandra Aparecida de Araújo Figueiredo e Nara Maria Fiel de Quevedo Sgarbi.....71

Capítulo VI

- ANÁLISE DE MANCHETES JORNALÍSTICAS EM PERSPECTIVA SISTÊMICO-FUNCIONAL
Viviane Mara Vieira Cardoso e Pilar Cordeiro Guimarães Paschoal.....85

Capítulo VII

- AS ALTERAÇÕES ORTOGRÁFICAS NA ESCRITA DOS ALUNOS MOTIVADAS POR OPERAÇÕES FONOLÓGICAS
Margarida Maria Silva Miranda, Maria Aldetrudes de Araújo Moura Paula Quadros, Maria Meyre Gomes Nunes e Ailma do Nascimento Silva.....100

Capítulo VIII

- A RETEXTUALIZAÇÃO COMO METODOLOGIA PARA A PRODUÇÃO DE TEXTOS
Hilda Mendes da Silva Freitas e Isabel Maria Soares da Costa Carvalho.....118

Capítulo IX

OPERAÇÕES DE PRESSUPOSIÇÃO E O PROCESSO DE AQUISIÇÃO DA ENUNCIAÇÃO ESCRITA POR APRENDIZES

Suelen Érica Costa da Silva.....132

Capítulo X

HISTÓRIAS EM QUADRINHOS E MEDIAÇÃO PEDAGÓGICA NO RESGATE DE VALORES ÉTICOS NO ENSINO BÁSICO

Ivan Vale de Sousa.....145

Capítulo XI

PERDA DO TRAÇO DE PESSOA EM PRONOMES DE TERCEIRA PESSOA NAS LÍNGUAS ARRERNTÉ E FINLANDÊS

Quesler Fagundes Camargos.....164

Capítulo XII

A IMPORTÂNCIA DO LEITOR NO PROCESSO DE SIGNIFICAÇÃO DO CONTO “PRIMEIRA DOR”, DE FRANZ KAFKA, SEGUNDO A TEORIA DISCURSIVA BAKHTINIANA

Pamella Soares Rosa.....182

Capítulo XIII

PRÁTICAS DE ESCRITA E DE LEITURA EM MATEMÁTICA: CONTRIBUIÇÕES DA LINGUÍSTICA PARA O LETRAMENTO MATEMÁTICO

Cíntia Maria Cardoso, José de Ribamar Oliveira Costa e Liliane Afonso de Oliveira.....194

Sobre o organizador.....210

Sobre os autores.....211

Capítulo VII

AS ALTERAÇÕES ORTOGRÁFICAS NA ESCRITA DOS ALUNOS MOTIVADAS POR OPERAÇÕES FONOLÓGICAS

**Margarida Maria Silva Miranda
Maria Aldetrudes de Araújo Moura Paula Quadros
Maria Meyre Gomes Nunes
Ailma do Nascimento Silva**

AS ALTERAÇÕES ORTOGRÁFICAS NA ESCRITA DOS ALUNOS MOTIVADAS POR OPERAÇÕES FONOLÓGICAS

Margarida Maria Silva Miranda

Mestre em Letras pela Universidade Estadual do Piauí - UESPI e docente da Rede Pública Estadual. E-mail: margarida.miranda@uol.com.br
Teresina-PI

Maria Aldetrudes de Araújo Moura Paula Quadros

Mestre em Letras pela Universidade Estadual do Piauí - UESPI e docente da Rede Pública Estadual. E-mail: aldetrudes@gmail.com
Teresina-PI

Maria Meyre Gomes Nunes

Mestre em Letras pela Universidade Estadual do Piauí - UESPI e docente da Rede Pública Estadual. E-mail: meyregn@yahoo.com.br
Teresina-PI

Ailma do Nascimento Silva

Doutora em Linguística e Letras pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul e Professora do Mestrado Profissional em Letras - PROFLETRAS da Universidade Estadual do Piauí – UESPI. E-mail: ailmanascimentos@yahoo.com.br

Teresina-PI

RESUMO: Um ensino de ortografia que vise ao domínio eficiente das formas gráficas da língua, a partir de um treinamento sistemático do exemplo fonortográfico em sua modalidade-padrão, necessita considerar o tipo de raciocínio linguístico: da escrita fonética, da regularização sistêmica, da instabilidade gráfica. Assim, buscou-se como fundamentação os pressupostos teóricos da Fonologia, sobretudo no que concerne aos processos fonológicos e sua interferência na apropriação da norma ortográfica, bem como os propósitos da fonologia de uso e sua contribuição no ensino-aprendizagem da ortografia. Investigou-se a motivação para a produção dos erros encontrados na escrita de alunos do 6º ano do Ensino Fundamental de três escolas públicas estaduais, relacionando-os aos processos fonológicos da neutralização, da monotongação e do apagamento do rótico. Com a apresentação e a discussão dos resultados obtidos, pretende-se oferecer subsídios para a elaboração de atividades relativas ao ensino do referido objeto, almejando contribuir para a diminuição da incidência das referidas alterações ortográficas. Como a investigação indicou que os principais erros representados pelos alunos estão relacionados a aspectos da fonologia, sobremaneira aos processos fonológicos, essa proposta priorizou os estudos dos segmentos fônicos da língua, da estrutura canônica da sílaba do Português Brasileiro (PB) e dos processos fonológicos que influenciam na escrita. Para isso, foram revisitados os estudos de Câmara Jr. (1991) e Hora (2005), quanto ao estudo da fonologia de vogais, consoantes,

processos fonológicos e estrutura silábica; Cristófaro Silva (2009), na Fonologia de Uso; e Lemle (1995) e Morais (2009), no que concerne aos erros ortográficos e ao ensino-aprendizagem da ortografia.

PALAVRAS-CHAVE: Fonologia. Processos Fonológicos. Erros ortográficos. Ensino da Ortografia

“As palavras faladas são os símbolos da experiência mental e as palavras escritas são os símbolos das palavras faladas”.
(Aristóteles, *De Interpretatione*)

1. INTRODUÇÃO

A grande produção de erros ortográficos realizada por alunos dos diferentes anos do Ensino Fundamental tem gerado inúmeras pesquisas cujas conduções partem de diferentes análises. Uma delas é a motivação fonológica presente na ortografia dos alunos.

Erros ortográficos cometidos nas redações do ENEM, muitas vezes ridicularizados pela mídia, como também por profissionais da educação, deveriam servir de preocupação e reflexão, uma vez que esses alunos são frutos da nossa prática pedagógica. A continuidade da presença desses erros, que deveriam já não existir após o término do Ensino Fundamental, não seria resultado de uma prática pedagógica que fecha os olhos para o tratamento dos erros ortográficos, quer por desconhecimento da teoria, quer por uso de metodologias inadequadas?

Qualquer que seja a razão, o primeiro passo a ser dado é a conscientização de que a escrita não está a serviço da oralidade e a ortografia, através de suas convenções, é o limite para barrar as variações que na fala devem ser respeitadas, mas que na escrita não têm espaço para as suas realizações. Esse princípio deverá nortear a ação dos professores para a realização da sua prática pedagógica, como também, os alunos para as suas produções escritas.

Contudo, o que se observa nas escolas é a hegemonia do discurso do letramento em que grande parte de educadores consideram desnecessário o ensino sistemático da escrita alfabética. Isso, por entenderem que a aprendizagem da ortografia se dá de forma espontânea e mecânica e que a vivência com situações de leituras e de produções textuais possibilitam ao aluno adquirir pleno domínio da escrita.

Destarte, as práticas pedagógicas concernentes ao ensino da ortografia que circulam nas escolas são apenas as de verificação do erro e de cobrança. Ao aluno, exige-se uma escrita “correta” sem que lhe tenha sido ensinada, prática, aliás, bastante desumana. A ortografia é uma convenção social, e como tal, é um processo, cuja assimilação exige esforço e orientação explícita. Não se pode esperar que o aluno o faça sozinho, com a mera exposição à língua escrita.

O princípio alfabético é norteador do nosso sistema ortográfico, cujas relações se estabelecem entre fonemas e grafemas. Isso torna imperativo que os professores de língua portuguesa, notadamente ao lidar com aquisição da escrita, saibam: como funciona um sistema de escrita e como decifrá-la; como se dão as relações entre fonemas e letras; e como tratar das questões ortográficas postas ao longo do processo. Somente com essa competência, poderão com proficiência conduzir o processo de ensino e de aprendizagem das notações ortográficas.

Ao tratar do domínio escrito da língua, Bisol (1974) Haupt (2012) assegura que não pode o professor de língua materna efetivar um trabalho simplesmente intuitivo devendo, portanto, conhecer as características fonéticas e fonológicas de sua língua. Na concepção da autora, o ensino de língua fundado em bases científicas consegue elucidar equívocos, porque estabelece a devida relação entre fonema e letra, possibilitando uma aprendizagem mais efetiva e eficaz. O domínio, pois, das dificuldades inerentes aos sistemas alfabético e fonêmico reveste o professor de alicerces amplos e estáveis, de forma que possa oferecer aos aprendizes a segurança que os capacite a vencer os obstáculos referentes à apropriação do sistema ortográfico do Português.

Tal expectativa é plenamente explicitada na proposta dos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN) ao afirmar que o aluno deve ser capaz de utilizar a língua de modo variado, para produzir diferentes efeitos de sentido e adequar o texto a diferentes situações de interlocução oral e escrita.

As premissas acima expostas pontuam a relevância desse estudo cuja temática é “As alterações ortográficas na escrita de alunos motivadas por operações fonológicas”. A ortografia e a motivação de alguns erros ortográficos foram o foco da pesquisa, nas quais se buscou investigar os erros ortográficos em decorrência do apoio na oralidade, produzidos por alunos do 6º ano do Ensino Fundamental de escolas públicas do Estado do Piauí, relacionando-os aos processos fonológicos da neutralização, monotongação e apagamento do rótico em posição de coda silábica.

A escolha da turma se justifica dado o baixo desempenho ortográfico de grande parte dos alunos, no que compete à leitura, à escrita ortográfica e à produção de texto. Muitos deles chegaram ao 6º ano podendo ser considerados analfabetos funcionais, mal sabendo codificar e decodificar as letras. A importância de uma pesquisa no referido ano escolar se dá, também, pelo fato de ser um ponto de transição entre os dois blocos do Ensino Fundamental, considerado nevrálgico por educadores e especialistas.

2. A FONOLOGIA E O ENSINO DA ORTOGRAFIA

Especificamente quanto ao ensino da ortografia voltado para os erros ortográficos ocasionados por motivação fonológica, o que se percebe é a

ausência desse tema nos livros didáticos. Os autores parecem desconhecer que algo tido como frequente na oralidade está sendo transportado para a escrita dos alunos, provocando uma variedade de erros ortográficos.

Os estudos fonológicos têm explicações para muitos dos erros ortográficos produzidos a partir do apoio na oralidade. Para tanto, convém conhecer e entender alguns processos fonológicos que terminam por influenciar o modo de escrita dos nossos alunos, quer através de apagamentos, que através de inserções, quer através de substituições de fonemas.

Conforme Othero (2005), deve-se a Stampe, criador da fonologia natural, a introdução do termo processo fonológico, conceituado como:

uma operação mental que se aplica à fala para substituir, no lugar de uma classe de sons ou de uma seqüência de sons que apresentam uma dificuldade específica comum para a capacidade de fala do indivíduo, uma classe alternativa idêntica, porém desprovida da propriedade difícil (STAMPE, 1973, p.1 *apud* OTHERO, 2005, p. 3).

Desta forma, através dos processos fonológicos busca-se uma facilidade para a produção de sons, ou grupos de sons, de maneira que um som com certa propriedade “difícil” (em termos articulatórios, motores ou de planejamento) poderá ser apagado ou substituído por algum outro que seja exatamente igual, mas desprovido dessa propriedade que o torna mais complexo.

Alguns processos fonológicos cujas realizações provocam erros ortográficos são bastante frequentes na fala das pessoas em geral e, em particular na fala e escrita de alunos do Ensino Fundamental. Assim, serão estudados nessa pesquisa os processos fonológicos da neutralização, da monotongação e do apagamento do rótico em coda silábica. Esses são processos que estão associados à estruturação silábica e à substituição.

Ao tratar das relações grafo-fonêmicas, Lemle(1995) postula que todo sistema alfabético de escrita, como é o caso da língua portuguesa, tem uma característica essencial: a grafia é a representação do som. Portanto ler e escrever são tarefas cognitivas, pois implica à construção de um sistema complexo de representação simbólica. Ao tratar dessa relação simbólica entre as letras e os sons da fala, ela faz a analogia ao casamento, usando metáforas matrimoniais. O primeiro tipo de correspondência entre fonemas e letras é a biunívoca, comparada à relação monogâmica, na qual cada letra possui um som e cada som possui uma letra. Um segundo tipo de correspondência entre sons e letras evidenciado, denomina-se de poligamia e poliandria, cuja equivalência entre letras e sons são múltiplas. Segundo a autora

[...] o aprendiz capta a ideia de que cada letra é símbolo de um som e cada som é simbolizado por uma letra. Uma vez agarrada à ideia, o problema reduz-se a lembrar que figura de letra corresponde a que tipo de fala.(...) as coisas que acontecem entre sons e letras são um

pouco mais complicadas do que essa perfeição de casamento monogâmico entre uma letra e um som. Há poligamia, há poliandria, há rivalidades, há abandonos. (LEMLE, 1995, p. 16).

Na sua concepção, o modelo ideal do sistema alfabético seria a correspondência biunívoca, na qual cada letra corresponde a um som e cada som a uma letra. Entretanto, poucos são os casos em que isso acontece.

A partir da análise das relações existentes entre os sistemas fonológico e ortográfico, Lemle (1995) propõe uma ordem de aquisição ortográfica a qual serviria para orientar a prática pedagógica. Os erros ortográficos, segundo ela, podem ser caracterizados como falhas de primeira, segunda e terceira ordens.

Morais (2010), por sua vez, afiança que a Norma Ortográfica da Língua Portuguesa organiza-se de duas formas: correspondências fonográficas regulares e irregulares. A *primeira* pode ser internalizada pela criança através da compreensão das regras subjacentes. A *segunda* depende da memorização. As *regulares* se subdividem em três tipos: diretas, contextuais e morfológico-gramaticais.

O autor adverte que é primordial que a ortografia seja encarada pela escola como objeto de estudo. Ressalta, ainda, que o ensino-aprendizagem das notações ortográficas deve se dar por meio de um princípio gerador, no qual seja enfatizado o caráter criativo e gerativo, salientando a capacidade do aprendiz de perceber muitas das motivações ortográficas e de gerar a escrita convencional.

2.1. Fonologia de Uso

Embora sejam vários os modelos fonológicos que tratam do componente sonoro, este estudo tomará como base os pressupostos da **fonologia de uso**, considerando que ele oferece uma proposta alternativa de análise do elemento sonoro, conforme postula (CRISTÓFARO SILVA, 2009), “as representações fonológicas expressam generalizações que falantes depreendem a partir da experiência com o uso da língua” (p.224).

A preocupação desse modelo é, sobretudo, como as representações fonológicas são mapeadas a partir do uso da linguagem, e da relação entre a produção e a percepção na organização dos sistemas sonoros. O tema refere-se, portanto, ao conhecimento linguístico do falante. (BYBEE, 2001).

Os pressupostos da Fonologia de Uso (BYBEE, 2001.) têm muito a contribuir com uma proposta de investigação e intervenção voltada para a aquisição da ortografia seguindo os reflexos dos processos fonológicos –, considerando que é “assume que a experiência é crucial para a organização do conhecimento linguístico e fonológico” (CRISTÓFARO SILVA, 2011, p. 114), e que as representações mentais são fixadas pelo uso. De acordo com o Modelo:

os processos da fala e da escrita são reflexos do uso e não simplesmente o mapeamento de formas subjacentes. O uso é que determina as representações mentais. Isso significa dizer que as representações não são fixas, pois mudam de acordo com as experiências de cada falante com a língua. Entender que o uso determina a gramática de uma língua nos direciona para outro olhar sobre o ensino da língua, não mais como produto acabado (HAUPT, 2012, p. 254).

Outra vantagem desse modelo teórico incide no seu caráter cognitivo, uma vez que pressupõe que todas as experiências do falante são categorizadas. Desse modo, as regras derivam das representações registradas que resultam do uso. Na aprendizagem da escrita, os dados armazenados aos quais temos acesso são categorizados, e fazemos generalizações a partir das redes resultantes das categorizações. A partir da escrita de /chapéu/, /céu/ como ditongo, “éu” e “sou” com ditongo “ou”; o aluno através do input do léxico escrito é capaz de generalizar, considerando as similaridades. Por exemplo, escrever “meu” no lugar de “mel” e “futebou” no lugar de “futebol”. Nesse sentido, é possível discutir a aprendizagem da escrita/ortografia a partir de uma abordagem de fonologia baseada no uso.

Outro aspecto relevante já aludido por Pinto (1990) é a escrita como uma atividade intimamente ligada à linguagem, sendo dela dependente. Para a pesquisadora, os sistemas de escrita fonográfica fazem uma referência direta aos sons da fala. De uma forma geral os falantes tendem a fazer um apagamento do /r/ em posição final das palavras tal *como vendê* (*vender*), do mesmo modo esse apagamento, tendencialmente, é reproduzido na escrita. Tal fato linguístico em uso pelos falantes contribui para a grande dificuldade dos alunos em grafar as palavras desse contexto conforme a notação da ortografia do português. Da mesma forma, justifica-se a presença desse tipo de alteração ortográfica ser bastante recorrente na escrita dos alunos e dos usuários com menos domínio da variedade padrão da língua.

As pesquisas sedimentadas a partir dos postulados da Fonologia de Uso atestam que a experiência afeta a representação, ou seja, palavras e construções frequentes são mais fortes porque se tornam facilmente acessadas, enquanto as menos frequentes tornam-se mais fracas, podendo até ser esquecidas. Como decorrência, “a força lexical de uma palavra pode mudar à medida que é mais ou menos usada em diferentes contextos” (HAUPT, 2012, p. 254). Corroboram com essa assertiva Rego e Buarque (2011), ao avaliar os índices de acertos das crianças na grafia de palavras reais e inventadas, observam que a frequência das palavras no texto escrito é um fator determinante para um desempenho correto por parte da criança, mesmo em se tratando de línguas com alto índice de regularidades contextuais, como é o caso do português.

3. PROCESSOS FONOLÓGICOS

Estudiosos brasileiros averiguaram os processos fonológicos e seus reflexos na ortografia, com uma consequente produção de erros ortográficos. Dentre eles, citamos Hora (2005) com suas pesquisas sobre a monotongação e o apagamento do rótico. Os estudos de Câmara Júnior (1991, 2002, 2011, 2013) no que se refere à identificação e classificação dos fonemas vogais, nas posições tônicas e átonas das palavras são relevantes para a compreensão da neutralização.

Dentre os processos fonológicos o que mais interfere na ortografia dos textos observados são os apagamentos, sobremaneira a síncope e a apócope. Define-se apagamento como a supressão de uma (consoante, vogal ou glide) ou de uma sílaba inteira. Cagliari (2008) nomeia esse processo, em que ocorre o desaparecimento de um segmento da forma básica de um morfema, também como eliminação, queda ou truncamento.

3.1. A Monotongação como Resultado da Síncope dos Fonemas *Glides*

Dentre os fonemas do PB, destacamos as *glides ou semivogais* como os necessários de entendimento para a compreensão do processo fonológico da monotongação. Os fonemas *glides* são constituintes do plano fônico da língua para as quais não há unanimidade entre os estudiosos quanto ao seu papel no interior da sílaba. Conforme Silva (2009), sua característica vocálica é questionada por Câmara Jr. no início de seus estudos. Segundo ela,

Mattoso Câmara (1953) adota a primeira opção e interpreta os glides como segmentos consonantais representados pelos fonemas /y, w/. Ainda de acordo com essa opção, o glide é interpretado como consoante posvocálica em sílabas do tipo CVC: “pai” e “pau” demonstrariam este padrão silábico.

Em (1970) Mattoso Câmara revê a proposta assumida em 1953 e demonstra que os glides em português devem ser analisados como segmentos vocálicos [...] (SILVA, 2009, p.170).

Esta análise, mantém o número de fonemas consonantes em 19 (dezenove) e torna o sistema fonotático do PB mais complexo, com a inclusão do padrão silábico CVV.

Bisol (*apud* Collischon, 2005), também se manifesta quanto à natureza das semivogais, quando trata dos ditongos decrescentes. Para a estudiosa, quando em ditongos decrescentes – os verdadeiros ditongos – a semivogal ocupa a posição da consoante, ficando consequente na coda silábica.

Os segmentos fônicos vogais, semivogais realizam-se, na fala, juntos ou separadamente. Quando juntos, produzem encontros que nem sempre são mantidos na escrita por razões fonológicas. Tais alterações serão responsáveis

pela produção de erros ortográficos.

Quando os encontros realizados acontecem entre os segmentos vocálicos, os ditongos são os que mais se alteram no plano escrito, sendo que as alterações mais frequentes são entre os ditongos decrescentes, que sofrem o processo de monotongação

A monotongação ocorre, portanto, quando é apagada a semivogal, desfazendo um ditongo existente na estrutura de uma sílaba, provocando a transformação de uma sílaba de estrutura CVV em CV (estrutura silábica canônica), através de uma síncope. Hora (2005) trata da monotongação ao descrever a ocorrência dos ditongos decrescentes, afirmado que:

alguns ditongos decrescentes, entretanto, sofrem variação e podem ser realizados como uma única vogal na fala, quando ocorre o processo de monotongação. A monotongação diz respeito a um processo de redução de um ditongo a um monotongo (uma vogal que não muda de qualidade na sua realização) (HORA, 2005, p.25).

Observa-se que a monotongação é um processo que ocorre na periferia da sílaba, isto é, na margem ou coda silábica, havendo portanto a eliminação do segmento semivogal, razão pela qual, apenas nos ditongos decrescentes é possível observar a sua ocorrência.

A esse respeito, Hora (2005, p.26) faz ainda distinção entre os ditongos decrescentes. Serão ditos leves, quando possibilitam a monotongação, e verdadeiros, quando não possibilitam. Segundo ele" Esses ditongos decrescentes, capazes de sofrer redução, são classificados, na literatura específica, como ditongos leves; ao passo que os verdadeiros ditongos não tornam-se monotongos".

Os exemplos citados por Hora (2005, p.26) são os seguintes:

- a) Ditongos leves: c[aj]xa ~ c[a]xa; f[ej]ra ~ f[e]ra; c[ow]ro ~ c[o]ro
- b) Verdadeiros ditongos: b[aj]rro ~ *b[a]rro; m[ej]go ~ *m[e]go;

Acredita-se que a não ocorrência de monotongação nos ditos ditongos verdadeiros dar-se em razão da mudança na estrutura silábica (CVV para CV) provocar também uma mudança no sentido da palavra na qual ocorre o ditongo verdadeiro. Os exemplos acima comprovam essa ocorrência.

De fato, na escrita espontânea de alguns alunos, corpus da pesquisa realizada, observa-se a presença de erros ortográficos provocados pela monotongação apenas dos ditongos ditos ditongos decrescentes leves. Seguem alguns exemplos de erros observados. O numeral indica a quantidade de ocorrências observadas.

ligero → ligeiro(2)	pexe → peixe (2)	toro → touro (2)
puera → poeira (5)	espece → espécie (7)	robô → roubo (2)
cenora → cenoura (7)	robaram → roubaram(1)	ovido → ouvido (1)
enfermera → enfermeira (1)	pedreros → pedreiros (1)	Ferera → Ferreira (1)
besteira → besteira (1)	cuido → cuidou (1)	chamo → chamou (1)
tento → tentou (1)	tombo → tombou (1)	boto → botou (1)

3.1.1. Análise dos Dados

Percebe-se que na monotongação será sempre a semivogal a ser apagada, por não ser o núcleo silábico. Trata-se de uma tentativa de reduzir os diversos padrões silábicos ao padrão canônico CV, já de pleno domínio dos alunos e falantes em geral.

Pelas razões já expostas, os ditongos que mais frequentemente se transformam em monotongos são os decrescentes e dentre estes os de maior frequência foram: **ou**, **ei**. O apagamento da semivogal presente do ditongo **ou** ocorre predominantemente com palavras da classe gramatical pertencente a verbos, na terceira pessoa singular do pretérito perfeito do indicativo.

O contexto de fronteira silábica mais frequente no qual mais ocorre o processo da monotongação e os consequentes erros ortográficos foi antes dos fonemas /ʃ/, com representação do grafema x e fonema /r/, com representação do grafema r (erre fraco).

3.2. Apagamento do Rótico em Coda Silábica

No português do Brasil, o apagamento do /r/ pode ocorrer em posição medial ou em posição final da palavra. O fenômeno em posição de coda é conhecido também como apócope, porque produz formas apocopadas, sobremaneira nas formas infinitivas na fala, como /olhá/ em vez de /olhar/.

Oliveira (1983, *apud* HORA, 2005) afirma que “relatos sobre o apagamento do rótico estão mais relacionados a sua posição de coda em final de palavra” afirma, ainda, que ausências do rótico em final de palavras são mais comuns em verbos do que em não-verbos.

Amaral (1976), ao estudar o dialeto caipira, observa que em palavras como *estudar* (*estudá*); *escrever* (*escrevê*); *pedir* (*discutir* (*discuti*)), verbos no infinito, ocorre a queda do /r/ no final da palavra, todavia o /r/, tendencialmente, se mantém em monossílabos acentuados como *lar*, *dor*, *cor*. O autor confere essa manutenção do /r/ à posição proclítica habitual dessas palavras. Ainda segundo o autor, a conservação do /r/ também acontece no monossílabo átono *por* e tende a cair em palavras que apresentam mais de uma sílaba. Esse apagamento, porém, sucede com os verbos no infinitivo mesmo monossílabicos. O autor postula que a partir de estudos diacrônicos é possível se inferir, que, mesmo em períodos mais remotos a queda desse fonema já ocorria com bastante frequência nos verbos, talvez porque nesses, embora monossílabos, o /r/ veicule informação redundante.

Inicialmente, o processo de supressão foi apontado como uma característica dos falares populares, “no século XVI, nas peças de Gil Vicente, era usado para singularizar o linguajar dos escravos” (OLIVEIRA, 2001),

contudo, foi se expandindo paulatinamente. Atualmente vários pesquisadores sociolinguístas têm avaliado esse fenômeno sob diversos ângulos. Sobre isso, Hora (2005. P. 37) acena com duas justificativas: “o apagamento está relacionado a falantes de classe mais baixa e é considerado um vulgarismo; o apagamento é um processo variável, sujeito a condicionamento fonológico”.

Ratificando e/ou complementando essas justificativas, alguns estudiosos consideram uma pronúncia estereotipada; outros, demarcador social, com indícios de recuperação, inclusive em hipercorreções (HOUAISS, 1970). Há ainda aqueles que atribuem essa grande recorrência do apagamento ao tipo de atividade exercida pelas pessoas, ou seja, como a atividade demanda dinamismo na comunicação a fala tende a ser simplificada para permitir a rapidez na transmissão da mensagem de um interlocutor para seu ouvinte permitindo assim a comunicação rápida, efetiva e dinâmica.

Na presente pesquisa, observou-se que, igualmente, na nossa região, na pronúncia de verbos no infinitivo e em outras palavras terminadas em –r, há o apagamento do morfema –r na fala da grande maioria dos usuários da língua. Ex: *trabalhar* → *trabalha*; *senhor* → *senho* → *ou senhô*. Por conseguinte, essa queda que acontece na fala tende a reproduzir-se na escrita. Tal Fato linguístico contribui para a grande dificuldade dos alunos em grafar as palavras desse contexto conforme a notação da ortografia do português. Da mesma forma, justifica-se a presença desse tipo de alteração ortográfica ser bastante recorrente na escrita dos alunos e dos usuários com menos domínio da variedade padrão da língua. Foram observadas as ocorrências abaixo nas escritas dos alunos.

jogador → jogado (1);

trabalhar → trabalha (2);

trabalhador → trabalhado (2);

comprar → compra (2)

altar → alta (4);

lugar → luga (2);

vender → vende (1)

engessar → enjessa (5)

almoçar → almoça (2)

amor → amô(2)

morar → mora (2);

professor → professor (3)

gostar → gosta (1)

lá → lar (6);

voltar → volta (2) ;

pescar → pesca (3)

preservar → preserva (4);

dormir → dorme (1) ;

parti → partir (4)

por → pô (preposição) (4)

3.2.1. Análise dos dados

Verificou-se pelos dados coletados que a forma de apagamento é mais frequente em posição final da palavra do que no seu interior, comprovando-se, portanto, a maior incidência de apócope. Com relação ao ambiente em que é mais comum o apagamento do /r/, foi constatada que a recorrência é maior entre os verbos no infinitivo do que em nomes, (considerou-se como nomes os substantivos, adjetivos, advérbios e preposições que terminavam em /r/).

O morfema –r é apagado por grande maioria dos alunos. Isso nos leva a observar que o predomínio do apagamento da consoante final nos infinitivos verbais é uma tendência em quase a totalidade do dialeto brasileiro, devido à dinamicidade e à rapidez requeridas pela comunicação na oralidade, corroborando, desta forma, que a recorrência do apagamento do morfema –r na escrita é consequência da alta frequência na fala. Também, observou-se nesse processo a tendência de redução do padrão silábico do PB, de sílabas complexas (CVC) para sílaba canônica (CV).

Comprovou-se, também, que as palavras mais usuais para o aluno apresentam menor índice de apagamento, conforme postulados da Fonologia de Uso.

3.3. A Neutralização

Para se compreender melhor o fenômeno da neutralização é interessante atentar primeiro sobre o quadro vocálico do português brasileiro (doravante PB). Os fonemas vocálicos são aqueles em cuja produção a corrente de ar passa livremente pela cavidade bucal (CÂMARA JR., 2011). Assim, temos na nossa língua cinco letras para representar os sete segmentos vocálicos. Conforme Câmara Jr. (2002) apenas na posição tônica é que encontramos esse quadro de sete vogais do português, sendo que nas demais, tal número tende a diminuir. Dessa forma, o autor afirma que a classificação das vogais, como fonemas, deve ser realizada na referida posição, por ser a ideal para caracterizá-las, já que expõe o caráter opositivo desses fonemas.

As vogais do PB podem ser classificadas considerando-se três aspectos: a) a posição vertical da língua, resultando na classificação da vogal como baixa, média ou alta; b) a posição horizontal da língua, a qual caracteriza a vogal como anterior, central ou posterior; c) a posição dos lábios na realização das vogais, resultando na denominação delas como arredondadas ou não arredondadas (HORA, 2005). Apresentamos abaixo os quadros das vogais, conforme a descrição fonêmica realizada por Câmara Jr. (2013):

altas	/u/	/i/
médias	/ô/	/ê/ (2º grau)
médias	/ò/	/è/ (1º grau)
baixa	/a/	
	/posteriores/	/central/
		/anteriores/

Figura1: Vogais tônicas do português (CÂMARA JR., 2013, p. 43)

A observação dessa figura nos assegura, em relação às demais, que apenas na posição tônica é que o quadro vocálico do PB apresenta os sete fonemas. Quando observamos o quadro das vogais tônicas diante de consoante nasal na sílaba seguinte, percebemos que a distinção entre as

vogais médias de 1º e 2º graus desaparece. Conforme se nota na figura 2:

altas	/u/	/i/	
médias	/o/	/e/	
baixa	/a/		
	[â]		
	/posteriores/	/central/	/anteriores/

Figura 2: Vogais tônicas diante de consoante nasal na sílaba seguinte (CÂMARA JR., 2013, p. 43)

Nesse contexto, a vogal baixa e central /a/ é substituída pelo seu alopone [â]. Câmara Jr. (2013), atesta que essa alopofonia ocorre por meio do desaparecimento da vogal baixa, que passa a ser abafada, isto é, levemente posterior. A diferença entre as médias desaparece por conta da neutralização, isto é, da “redução de mais de um fonema em uma só unidade fonológica” (HORA, 2005, p. 18).

Das sete vogais que tínhamos na posição tônica, ocorre a diminuição de dois fonemas na posição pretônica, na qual as médias baixas deixam de fazer parte do quadro de vogais. Isso é notado na figura abaixo:

altas	/u/	/i/	
médias	/o/	/e/	
baixa	/a/		
	/posteriores/	/central/	/anteriores/

Figura 3: Vogais pretônicas (CÂMARA JR., 2013, p. 44)

Nessa posição a distinção entre /e/ e /i/ ou entre /o/ e /u/ é pouco frequente, pois em grande parte das palavras, a vogal média alta é articulada como alta. Esse fato pode ser observado em *comprido* (longo), pronunciado como *cumprido* (executado) (CÂMARA JR., 2002).

Na posição pretônica, além da neutralização entre vogais médias de 1º e de 2º graus, notamos fenômenos variáveis, como “a Harmonia Vocálica (HV) e o Alçamento, o que resulta nas alternâncias entre [e~i] e [o~u], em produções de palavras como ‘menino’ e ‘coruja’, por HV, e ‘boneca’ e ‘senhora’, por Alçamento” (MIRANDA, 2010, p. 150)

Na posição postônica não final, ocorre neutralização entre as vogais /o/ e /u/, mas não entre /e/ e /i/. Com isso, consequentemente, a vogal média posterior /o/, desaparece na posição supracitada, como se observa abaixo:

altas	/u/	/i/	
médias	/../	/e/	
baixa	/a/		
	/posteriores/	/central/	/anteriores/

Figura 4: Primeiras vogais postônicas dos proparoxítonos, ou vogais penúltimas átonas (CÂMARA JR., 2013, p. 44)

Do quadro inicial de sete fonemas vocálicos em posição tônica, passamos a três, na posição átona final. Esse fato é consequência da neutralização que ocorre tanto entre /e/ e /i/, como entre /o/ e /u/, assim, o quadro postônico final se configura da seguinte maneira

altas	/u/	/i/
baixa	/a/	

/posteiros/ /central/ /anteriores/

Figura 5: Vogais átonas finais, diante ou não de /s/ no mesmo vocábulo (CÂMARA JR., 2013, p. 44)

Tendo por base os postulados de Câmara Jr. (2013) podemos observar que o quadro de vogais do PB modifica-se muito quando se considera as posições tónicas ou átonas. Notamos também, que o processo de neutralização influencia bastante esse quadro, alterando-o e reduzindo muito o número de vogais, que sofrem influência de tal processo.

A neutralização das vogais, conforme já mencionamos, ocorre devido a perda de distinção entre esses fonemas, em determinados contextos. Ao observarmos as produções escritas de alunos de escolas públicas municipais, notamos que os erros ortográficos decorrentes desse fenômeno aconteciam com certa frequência, isso é decorrente, possivelmente, por influência do apoio na oralidade.

Os erros ortográficos dessa natureza são bastante produtivos na escrita de alunos do Ensino Fundamental e ainda necessitam de estudos para investigá-los, bem como de estratégias interventivas para atenuá-los.

Apresentamos abaixo os erros ortográficos, retirados de produções escritas espontâneas de alunos do Ensino Fundamental, resultantes do processo de neutralização.

serrote → serroti (3)	menino → meninu (4)	mundo → mundu (2)
e → i (3)	excedente → ecedenti (1)	cidade → cidadi (3)
de → di (6)	posso → possu (2)	dente → Denti (2)
princípes → príncipis (2)	sido → sidu (2)	alegre → alegrí (2)
ele → eli (2)	que → qui (2)	voando → voandu (2)
engoliu → engolio (1)	durante → duranti (1)	

3.3.1. Análise dos dados

Conforme dados coletados, em que a processo fonológico da neutralização realiza-se nas sílabas postônicas finais, envolvendo a troca das vogais médias /e/ e /o/ pelas vogais altas /i/ e /u/, percebeu-se uma maior incidência nas trocas do fonema /e/ pelo fonema /i/

Outra constatação é a presença de fonemas linguodentais na sílaba onde ocorre a substituição dos fonemas. Na articulação de fonemas do tipo linguodentais há um contato da língua com os dentes, em um movimento de

elevação da língua. Esse contexto silábico favorece a troca da vogal média pela vogal alta, provocando na escrita a troca das letras **e** e **o** pelas letras **i** e **u** respectivamente.

4. METODOLOGIA

Segundo Bortoni-Ricardo (2008, p.32), “[...] as escolas, ou melhor, as salas de aula, provaram ser espaços privilegiados para a condução de pesquisa qualitativa, e muito particularmente sobre a pesquisa etnográfica”. Desta maneira, o professor não precisa de um pesquisador para identificar os problemas existentes no processo de ensino-aprendizagem, os quais ele próprio conhece. Ele próprio pode ser o agente de sua pesquisa, transformando-se no professor-pesquisador.

O presente projeto de pesquisa foi aplicado com 80 alunos do 6º ano do Ensino Fundamental, do turno manhã de três escolas públicas estaduais do Piauí.

O corpus analisado foram as produções de textos espontâneos dos alunos, com idade entre 10 e 14 anos. Optou-se pela análise em textos espontâneos, visto serem os que melhor revelam as hipóteses que se constrói acerca das relações grafo-fonêmicas, ou seja, das relações entre o oral e o escrito. Todos os sujeitos pertencem a famílias de baixa renda, participantes dos projetos sociais mantidos pelo Governo Federal. Desse universo, dez são repetentes. Boa parcela são filhos de pais analfabetos ou semianalfabetos, todos, indiscriminadamente, desprovidos de uma cultura familiar de leitura e escrita.

A proposta constou do percurso abaixo descrito:

1. Para confirmar ou não a hipótese de que a principal categoria de alteração ortográfica encontrada na escrita dos alunos do 6º ano do Ensino Fundamental são motivadas pela oralidade, o ponto de partida foi a escrita duas produções de textos com temática e gênero livres. Os alunos escolheram um dos gêneros já estudados (fábulas, cartas pessoais e de reclamações, poemas, HQ...) e um tema de seu interesse para escreverem os seus textos.

2. Constatado o predomínio da oralidade na escrita, partiu-se para a produção de outros textos espontâneos, a fim de quantificar e categorizar os processos fonológicos de maior frequência na escrita dos alunos.

4. Após a escrita dos textos, realizou-se o levantamento dos erros ortográficos motivados pelo apoio na oralidade, quando observou-se que o maior número de erros apoiados na oralidade, referiam-se ao apagamento do morfema *-r* em final de palavras, à monotongação e à neutralização..

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A Fonologia revela-se de extrema importância para o ensino de língua portuguesa, durante os processos de aquisição da leitura e da escrita da língua materna, uma vez que a sua preocupação com a organização dos sons dentro de uma língua, explicitam alguns contextos e processos fonológicos que nortearão a escrita. Por esta razão, é importante que professores da educação básica, da disciplina língua portuguesa, compreendam melhor como acontecem a aquisição da fala e seus processos fonológicos.

A aquisição da escrita apresenta-se como um processo de grande complexidade, desde a assimilação das diferenças específicas da camada fônica da língua até às diferenças marcadas e marcantes entre o sistema fônico e o sistema gráfico, passando pela questão das variantes linguísticas. Enquanto esta distinção não se instala nos esquemas mentais do aprendiz, fica comprometido o domínio das notações ortográficas.

Para isso, é consenso entre os estudiosos a pertinência da interface entre estudos fonológicos/ortografia, uma vez que a atividade nuclear do aprendiz de ortografia é (re)construir as relações entre o sistema sonoro (representação fonológica) da língua que fala e o seu sistema gráfico (representação ortográfica). É evidente que, se a escrita codifica a oralidade através de um sistema, torna-se relevante compreender como essa codificação se dá, considerando que a escrita constitui-se em um uso sofisticado da própria linguagem oral, cristalizada na forma gráfica. Embora a fonologia sozinha não dê conta de todos os processos envolvidos no ato de ortografar, refletir de forma consciente acerca das relações que permeiam a linguagem escrita e a linguagem oral, influenciará sobremaneira o processamento ortográfico.

Finalmente, a solidificação da consciência fonológica confere ao aprendiz da escrita: a capacidade de refletir sobre o sistema alfabético de sua língua; analisar os sons ao nível dos fonemas; identificar e manipular os componentes fonológicos das unidades linguísticas; a habilidade para perceber que as palavras são compostas por sons que, por sua vez, são representados por letras, ou seja, que os grafemas representam os fonemas. Portanto, é imprescindível que o professor reconheça as diferentes motivações fonológicas das quais podem derivar alterações ortográficas, para que possam traçar estratégicas adequadas a cada tipo de dificuldades representadas.

REFERÊNCIAS

AMARAL, Amadeu. **O Dialeto Caipira**. 3. ed. São Paulo: HCITEC, 1976

BISOL, Leda (org). **Introdução a estudos da fonologia do português brasileiro**. Porto Alegre: Edipucrs, 2005.

BYBEE, J. **Phonology and language use**. Cambridge University Press, 2001.

BORTONI-RICARDO, Stella Maris. **O professor pesquisador**: introdução à pesquisa qualitativa. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

CAGLIARI, G.; CAGLIARI, L.C. **Diante das Letras. A Escrita na Alfabetização**. São Paulo: FAPESP, 1999.

CAGLIARI, L. C. **Alfabetização &Linguística**. São Paulo: Ed. Scipione. 2010.

Alfabetizando sem o BÁ-BÉ-BI-BÓ-BU. São Paulo: Scipione. 1999.

CÂMARA JR. Joaquim Mattoso. **Estrutura da língua portuguesa**. Petrópolis: Vozes, 1991.

COLLISCHONN, Gisela. In BISOL, Leda (org). **Introdução a estudos da fonologia do português brasileiro**. Porto Alegre: Edipucrs, 2005.

CRISTÓFARO SILVA, Thaís. **Dicionário de Fonética e Fonologia**. São Paulo: Contexto, 2011.

CRISTÓFAROSILVA, Thaís. **Fonética e fonologia do português: roteiro de estudos e guia de exercícios**. 9. ed., 2^a reimpressão – São Paulo: contexto, 2009.

HAUPT, K. Formação docente e a fonética e fonologia: o ensino da ortografia. **SIGNUM: Estud. Ling.**, Londrina, n. 15/2, p. 237-256, dez. 2012.

HORA, Demerval da. O. **Fonética e fonologia**. 2009 *portal.virtual.ufpb.br*. acesso em outubro de 2013

LEMLE, M.. **Guia Teórico do Alfabetizador**. 11. ed. São Paulo: Ática. 2000.

MATZENAUER, Carmen Lúcia. Introdução à Teoria Fonológica. . In: BISOL, L. (org.). **Introdução a estudos de fonologia do português brasileiro**. 4 ed. Porto Alegre: EDIPCRS, 2005.

MORAIS, A.G.de. **Ortografia**: ensinar e aprender. São Paulo: Ática, 2010.

OLIVEIRA, Marilúcia Barros de. **Manutenção e apagamento do (r) final de vocábulo na fala de Itaituba**. 2001. Tese de doutorado - Universidade Federal do Pará.

ABSTRACT: The orthography study aiming the efficient domain of the graphic forms of the language, based on a systematic training of the phono-orthographic example in its standard modality, needs to consider the type of linguistic reasoning: of phonetic writing, of systemic regularization, of graphical

instability. Thus, the theoretical presuppositions of phonology were sought as a foundation, especially regarding the phonological processes and their interference in the appropriation of the orthographic norm, as well as the purposes of the phonology of use and its contribution in the teaching-learning of orthography. It was investigated the motivation to produce the mistakes found in the writing of 6th grade elementary school students from three state public schools, relating them to the phonological processes of neutralization, monophthongization and deletion of the rothic. With the presentation and discussion of the obtained results, it is intended to offer subsidies for the elaboration of activities related to the teaching of said object, aiming to contribute to the reduction of the incidence of said orthographic alteration. As the investigation indicated that the main mistakes represented by the students are related to aspects of phonology, especially to the phonological processes, this proposal prioritized the studies of the phonic segments of the language, the canonical structure of the Brazilian Portuguese (BP) syllable and the phonological processes that influence writing. For this, the studies of Câmara Jr. (1991) and Hora (2005) were revisited, regarding the study of phonology of vowels, consonants, phonological processes and syllabic structure; Cristófaro Silva (2009), in Phonology of Use; and Lemle (1995) and Morais (2009), regarding orthographic mistakes and teaching-learning of orthography.

KEYWORDS: Phonology. Phonological Processes. Orthography errors. Spelling Teaching.

